

JURANDIR FREIRE COSTA, *A ética e o espelho da cultura*. Rio de Janeiro, editora Rocco, 1994, 180pp. ISBN 85-325-0493-0.

Jurandir Freire é um autor bem conhecido no universo intelectual brasileiro. Psicanalista e professor adjunto do Instituto de Medicina Social da UERJ, o autor tem escrito nos últimos anos uma série de textos publicados em jornais cuja preocupação central é a de discutir o esfacelamento das relações sociais no Brasil em face do desvirtuamento de certos ideais éticos fundamentais para a sobrevivência da vida humana associada. Salta aos olhos, para os que observam minimamente o cotidiano brasileiro, que as preocupações de Freire não são o produto de uma mente pessimista ou um mero e cínico exercício intelectual sustentado pela infelicidade alheia. O autor, em seus escritos publicados na imprensa, consegue expor suas idéias com a clareza exigida pelo texto jornalístico sem, no entanto, despi-las dos referenciais teóricos utilizados como instrumentos na sua reflexão.

Neste sentido, o livro *A ética e o espelho da cultura*, de Freire, é um texto significativo para a problematização de alguns dos temas mais cruciais para uma fértil compreensão da sociedade brasileira. O livro é uma reunião de

vários textos de Freire publicados em jornais. O trabalho se compõe de uma introdução - onde o autor explicita seus pressupostos teóricos - e de mais três partes intituladas **A ética pública**, **A ética privada** e **Situações**. Em função dos objetivos desta resenha, não apresentaremos as partes separadamente mas exporemos as idéias de Freire a partir do fio condutor que perpassa todo o livro, qual seja: a necessidade de se resgatar o homem enquanto sujeito moral.

O texto de Freire deixa clara uma questão: não é possível a sobrevivência de uma sociedade onde as pessoas passem a não acreditar em suas instituições e em seus valores. O mundo dos fatos, ao qual nós estamos ligados, não seria possível se nós não pudéssemos valorá-lo de acordo com o nosso universo cultural e nossos hábitos mentais. Assim, os fatos em si mesmos não existem pois eles só se constituem enquanto tais para o homem que faz a experiência no mundo. Desta forma, como nos leva a refletir o livro de Freire, quando não podemos mais compreender qual é a relação existente entre nossos valores e os fatos do mundo, somos jogados no desespero individual ou no cinismo coletivo. Em qualquer um destes estados, o bom e o justo deixam de ser valores consensualmente construídos e passam a ser meras con-

seqüências casuais de determinadas ações individuais. Neste quadro, uma ação é justa não porque obedece a um conceito de justiça previamente estabelecido mas porque foi realizada por alguém que a justificou *a posteriori*. São vários os exemplos que Freire utiliza para corroborar suas teses, principalmente na primeira parte do livro.

Mas a cultura do cinismo não afeta somente a vida social dos homens pois ela também opera uma destruição do seu ser sujeito. Embora, como nos mostra Freire, este sujeito não seja uma substância e sim uma produção histórico-cultural, o homem precisa dele como uma forma de ideal que permite uma melhor orientação do ser humano no mundo. Ora, é este sujeito idealizado que nos permite o estabelecimento de relações com o mundo e com os outros. É somente na medida que nos autocompreendemos como sujeitos e mais, como sujeitos morais, é que passamos a nos ver como seres de ação responsável, ou seja, de liberdade. Nosso século viu, com um misto de horror e incredulidade, a barbárie perpetrada pelos totalitarismos nazista e comunista - além de outras atrocidades de menor peso histórico - ao tentarem suprimir o sujeito em nome do coletivo. A solidão dos indivíduos nos grandes centros urbanos da sociedade de massas também mostra que a sociedade industrial, à sua maneira, investe contra a busca de identidade do homem.

Para nós brasileiros tudo isto tem o gosto do trágico. Se não tivemos propriamente uma experiência totalitária, é fato que os desmandos dos poderosos e o absoluto desrespeito às leis, muitas vezes por parte das próprias autoridades constituídas, geram no cidadão mais comum o sentimento de que tudo é permitido. Passa-se, portanto, como nos mostra Freire num dos

seus textos, a se confundir liberdade com permissividade e a idéia de que cada um deve levar a maior vantagem possível sobre os outros torna-se uma regra comum de conduta. O que é mais grave neste tipo de comportamento é que ele se generaliza num momento sensível e complexo da história brasileira, onde estamos construindo passo a passo uma democracia que terá, para ser verdadeira, que se constituir tanto no plano político quanto no social. Neste quadro histórico, é fundamental a crítica a certos hábitos culturalmente formados no Brasil que são avessos ao verdadeiro espírito democrático. Para tanto é necessário que nos conscientizemos de que ética e cultura são realidades indissociáveis.

João Carlos Lino Gomes

MARTIN HOLLIS, *Filosofia - Um convite*, (Tradução de Antivan G. Mendes), São Paulo: Loyola, 1996, 214 pp. ISBN: 85-15-01239-1.

Martin Hollis, professor de Filosofia na Universidade de East Anglia em Norwich, através desta obra, propõe-se a introduzir o leitor no fascinante universo da Filosofia. Trata-se de um livro suscinto, bem escrito, objetivo, além de conter a bibliografia de todos os temas nele abordados. Com tão ricas características, certamente o leitor será muito bem introduzido no pensar filosófico. Segundo o autor, seu livro visa atingir os "entusiastas do autodidatismo", mas na nossa leitura, trata-se de um excelente material introdutório, não só para os autoida-

tas, mas também para os estudantes universitários e de segundo grau. Portanto, é uma obra de extrema importância para os que desejam admirar-se diante do mundo, que é a proposta da Filosofia.

"O 'Cogito' de Descartes não é um marco universal na estrada do progresso, mas sim uma reivindicação específica e contestável sobre quem ou o que cada um de nós é" (p.137). Com esta afirmação o autor leva-nos a refletir sobre a ilusão do "EU". "Penso, logo existo" não é garantia de que nunca erremos; há, pois, lugar para a autodecepção, confusão e autoconsciência incompleta. Há mais: há a possibilidade de se estabelecer novos paradigmas para o pensar, a ciência, e o repensar-se, por fim. Assim, Hollis nos convida a fazer uma viagem rumo ao saber filosófico, mas não onde residam os pesados conceitos da Filosofia, mas onde o indagar-se faça lugar presente. Saber que Platão legou-nos a brilhante Alegoria da Caverna, tão cara ao pensamento filosófico ocidental, de nada valerá se não nos convenceremos de que devemos nos lançar com seriedade ao empreendimento de livrarmo-nos do mundo das ilusões, e rumar ao novo, desde os alicerces, a fim de se estabelecer estruturas firmes para um agir consciente e moral.

Os grandes pensadores da História da Filosofia fazem-se presentes nesta obra, bem como os conceitos de Lógica, Moral, Liberdade, Razão, Ciência etc., como em todos os livros de Filosofia, porém, o que caracteriza a singularidade deste texto é, essencialmente, sua abordagem voltada para o desvelamento das "verdades" do "EU" em busca de si próprio.

O autor escreve que o mundo moderno é menos mágico e misterioso do que o antigo e a luz da razão incide

fortemente sobre as crenças que não podem ser defendidas racionalmente. Daí pergunta-nos: "De que maneira irão as crenças morais suportar o clarão?" - referindo-se, aqui, à Alegoria da Caverna de Platão (p.167). Hollis vai dizer-nos que os homens são 'aranhas' ou 'formigas', isto é, ou vivem como aranhas, segurando-se em suas crenças, e fazendo dos dogmas a sua base, ou vivem de tentar, de acertar, de errar, sendo portanto "homens de experiência" (p.112). Logo, para o autor, a liberdade das pessoas está diretamente ligada ao seu grau de realização e satisfação (p.177).

Segundo o autor, "há muito sobre o que pensar na idéia de que o conhecimento é o que vemos à luz do fogo e não somente às sombras da caverna" (p.95). É assim que o autor nos faz o convite para refletir sobre a "verdade" das ciências e o seu atual papel. Afinal, nós a vemos como verdade única e acabada, ou estamos abertos para pensá-la com seus erros e acertos? Hollis diz continuar a pensar a ciência como um esquema conceptual, ou seja, "como uma ferramenta para predizer a experiência futura à luz da experiência passada" (p.123). Cabe saber até quando este procedimento nos ajudará a compreender os problemas que nos coloca a realidade.

Martin Hollis inicia esta obra perguntando: "Existe vida consciente em algum outro lugar do universo?" (p.11). É em nome deste questionamento que a obra se desenvolve. Estamos de fato (re)pensando nossas vidas e nossas questões fundamentais? A resposta para tais perguntas, o leitor não as encontrará aqui, mas há pistas delas na oportuna obra que indico.

Rosália Rosa de Aguiar.